



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

O fantasma da hipocrisia

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 11 de 13 de Março de 2014

O «fantasma da hipocrisia» faz-nos esquecer como se acaricia um doente, uma criança ou um idoso. E não nos faz fitar os olhos da pessoa a quem damos de modo apressado a esmola retraindo imediatamente a mão para não a sujar. Durante a missa celebrada na manhã de **7 de Março** na capela da Casa de Santa Marta o Papa dirigiu uma exortação a «nunca se envergonhar» da «carne do irmão».

Na sexta-feira depois das cinzas a Igreja, explicou o Pontífice, propõe uma meditação sobre o significado verdadeiro do jejum, através de duas leituras incisivas, tiradas do livro do profeta Isaías (58, 1-9A) e do Evangelho de Mateus (9, 14-15). «Por detrás das leituras de hoje — afirmou o Pontífice — está o fantasma da hipocrisia, da formalidade de cumprir os mandamentos, neste caso o jejum». Portanto, «Jesus volta ao tema da hipocrisia muitas vezes quando vê que os doutores da lei pensam que são perfeitos: cumprem tudo o que está nos mandamentos como se fosse uma formalidade».

E aqui, advertiu o Papa, há «um problema de memória» relativo a «este duplo aspecto do caminhar pela estrada da vida». De facto, os hipócritas «esqueceram que foram eleitos por Deus num povo, não individualmente. Esqueceram a história do seu povo, a história de salvação, eleição, aliança e promessa», que provém directamente do Senhor.

E assim fazendo, continuou, «reduziram esta história a uma ética. Para eles, a vida religiosa era uma ética». Para eles a este modo «explica-se que na época de Jesus, dizem os teólogos, havia

mais ou menos trezentos mandamentos» para observar. Mas «receber do Senhor o amor de um pai, receber do Senhor a identidade de um povo e depois transformá-la numa ética» significa «rejeitar o dom de amor». De resto, frisou, os hipócritas «são pessoas boas, fazem tudo o que se deve fazer, parecem boas». Mas «são eticistas, sem bondade, porque perderam o sentido de pertença a um povo».

O sentido do verdadeiro «jejum é aquele que — afirmou o bispo de Roma — se preocupa pela vida do próximo, que não sente vergonha da carne do irmão, como diz Isaías. De facto, «a nossa perfeição, a nossa santidade vai em frente com o nosso povo, no qual fomos eleitos e inseridos». E «o nosso maior acto de santidade consiste precisamente na carne do irmão e na carne de Jesus Cristo».

«A salvação de Deus — afirmou o Pontífice — está num povo. Um povo que vai em frente, irmãos que não se envergonham uns dos outros». Mas exactamente por isso, advertiu, «é o jejum mais difícil: o jejum da bondade. A bondade leva-nos a isto». E «talvez — explicou citando o Evangelho — o sacerdote que passou perto daquele homem ferido tenha pensado», referindo-se aos mandamentos da época: «Mas se eu tocar aquele sangue, aquela carne ferida, ficarei impuro e não poderei celebrar ao sábado! E envergonhou-se da carne daquele homem. Isto é hipocrisia!». Ao contrário, observou o Santo Padre, «aquele pecador passou e viu-o: viu a carne do seu irmão, a carne de um homem do seu povo, filho de Deus como ele. E não se envergonhou». «A proposta da Igreja hoje» sugere portanto um verdadeiro exame de consciência através de uma série de perguntas que o Papa fez aos presentes: «Sinto vergonha da carne do meu irmão, da minha irmã? Quando ofereço a esmola, deixo cair a moeda sem tocar a mão? E, se por acaso a tocar, faço-o apressadamente?», questionou imitando o gesto de quem limpa a mão. «Quando ofereço a esmola, fito o meu irmão, a minha irmã, nos olhos? Quando sei que uma pessoa está doente vou visitá-la? Saúdo-a com ternura?».

Para completar este exame de consciência, frisou o Papa, «existe um sinal que talvez vos ajude». Trata-se de «uma pergunta: sei acariciar doentes, idosos e crianças? Ou perdi o sentido da carícia?». Os hipócritas, continuou, não sabem acariciar, esqueceram como se faz. Então, eis a recomendação para «não se envergonhar da carne do nosso irmão: é a nossa carne». E «seremos julgados», concluiu o Pontífice, precisamente pelo nosso comportamento em relação «a este irmão e esta irmã» e certamente não «pelo jejum hipócrita».

E na missa celebrada na quinta-feira **6 de Março**, o Papa Francisco falou da redescoberta da fecundidade de uma vida segundo o estilo cristão. Comentando o trecho do Evangelho de Lucas (9, 22-25), proposto pela liturgia, o Pontífice apresentou-o como uma reflexão em sintonia com a narração do jovem rico, o qual queria seguir Jesus «mas depois afastou-se triste porque tinha tanto dinheiro, ao qual era muito apegado para renunciar».

No início da Quaresma a Igreja «faz-nos ler, faz-nos sentir esta mensagem», observou o

Pontífice. Uma mensagem que «poderíamos intitular o estilo cristão: “Se alguém quiser vim após mim, isto é, ser cristão, ser meu discípulo, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”». É «o caminho da humildade, também da humilhação, da renegação de si mesmo», porque o «estilo cristão sem cruz não é cristão» e «se a cruz for uma cruz sem Jesus, não é cristã».

Este é o estilo de vida que «nos salvará, que nos dará alegria e nos tornará fecundos. Trata-se de um caminho que deve ser percorrido «com alegria, porque — explicou o Papa — nos dá a alegria. Seguir Jesus é alegria». Mas, repetiu, é preciso segui-lo com o seu estilo, e não com o estilo do mundo», fazendo o que se pode: o importante é fazê-lo «para dar vida aos outros e não para dar vida a si mesmo. É o espírito de generosidade».

Eis então o caminho a seguir: «humildade, serviço, nenhum egoísmo, não sentir-se importante nem mostrar-se diante dos outros como uma pessoa importante: sou cristão...!». A este propósito o Papa Francisco citou a *Imitação de Cristo*, que — frisou — «nos dá um conselho muito bom: *ama, nesciri et pro nihilo reputari*, “ama, não sejas conhecido e considera-te como nada”». É a humildade cristã. Foi o que fez Jesus.

«Pensemos em Jesus que está diante de nós — prosseguiu — que nos guia por aquele caminho. Esta é a nossa alegria e a nossa fecundidade: andar com Jesus. Outras alegrias não são fecundas, pensam apenas, como diz o Senhor, em ganhar o mundo inteiro mas no final perdem-se e arruinam-se a si mesmos».

Por isso, «no início da Quaresma — foi o seu convite conclusivo — peçamos ao Senhor que nos ensine um pouco este estilo cristão de serviço, de alegria, de nos perdermos a nós mesmos e de fecundidade com Ele, como Ele a quer».